



Transformem-se, adquirindo uma nova mentalidade

Rom.12,2

D. Jorge Pina Cabral

«Eles estão a viver, não a morrer!». O grito de alerta é recente e é feito por uma jovem cristã de seu nome Cookie Cantwell após uma visita em Março passado a um campo de refugiados no Ruanda que alberga 14.500 pessoas vindas do vizinho Congo. Este grito revela um olhar de fé e de esperança perante uma realidade difícil. Para ela os refugiados estão vivos e não são «mortos vivos». Estamos perante um olhar e uma fé que não desistem daqueles que estão em necessidade e que levam esta jovem a afirmar: «uma vez que fomos tocados, temos que tomar uma decisão sobre o que nos propomos fazer».

As realidades complexas e sofridas dos tempos que vivemos e a sua permanente mediatização e exposição levam-nos muitas vezes a olhar para o lado e a desistir de as enfrentar. Vivemos a circunstância de uma opinião pública cansada do repetir diário de notícias trágicas e descrente nas soluções propostas. Por outro lado, avaliamos o grau de risco dos dramas humanos existentes em função da sua maior ou menor proximidade e capacidade de nos afetar no nosso dia-a-dia. O drama humano dos efeitos do vírus do ébola não passa de mais uma notícia que só se tornará real no nosso quotidiano quando de nós se aproximar. Criamos assim círculos de segurança e de bem-estar cuja finalidade é a de preservar um estilo de vida que nos garanta uma aparente felicidade. Olhamos para o lado e desistimos dos que ainda vivem porque não queremos carregar connosco as suas cruzes. Muitos e muitas estão vivos mas para nós estão antecipadamente condenados e mortos. O seu olhar já não nos interpela e os seus gritos de tão repetidos soam indiferentes aos nossos ouvidos. Bem perto de nós os idosos esquecidos nas urgências dos hospitais ou abandonados a um dia a dia triste e solitário constituem talvez a expressão mais visível e cruel deste progressivo abandono.

Nas narrativas Evangélicas da paixão de Cristo apercebemo-nos também do modo como Jesus Cristo foi sendo antecipadamente condenado e abandonado mesmo em vida. Na traição de Judas, no clamor da multidão que o preteriu por Barrabás, na hipocrisia calculista de Pilatos, na negação de Pedro, no abandono dos discípulos, no sarcasmo dos soldados e povo que passava junto à cruz, abriu-se e facilitou-se assim o caminho para a sua morte. Cristo foi vítima do pecado humano que hoje teimosamente continua a querer tirar

a vida àqueles que nada mais têm para oferecer do que a sua própria vida. Mas um pequeno grupo de mulheres e o discípulo amado, soube não desviar o olhar e assumiu solidariamente percorrer também o caminho até à cruz, fazendo seu o drama e o sofrimento da situação vivida.

“O triunfo da vida não faz esquecer as marcas da morte e ajuda-nos a encará-las agora à luz de uma nova perspectiva, esperança e particularmente de confiança no amor que tudo suporta.”

No relato das aparições que neste tempo Pascal nos é apresentado, o Cristo ressuscitado apresenta-se aos seus mostrando as mãos e os pés (Lc 24,39-40) e a ferida do seu lado (Jo 20, 27). O ressuscitado carrega consigo as chagas da sua crucificação que não são mais do que as marcas de uma vida dada por amor. O triunfo da vida não faz esquecer as marcas da morte e ajuda-nos a encará-las agora à luz de uma nova perspectiva, esperança e particularmente de confiança no amor que tudo suporta. Celebrar a vida nova que a Páscoa de Cristo nos oferece passa necessariamente por assumir e acreditar na vida, na nossa e na vida dos outros por mais sofrida e triste que a mesma se apresente. Na sua total identificação com os mais pequenos, pobres e indefesos, Cristo assumiu as suas chagas como hoje continua também a assumir as dores, o sofrimento e o esquecimento dos refugiados, das mulheres maltratadas e de muitos outros. Saber olhá-los e acolhê-los, é no tempo de hoje olhar e acolher a Cristo, e dizer com o coração, tal como Tomé o fez : «Meu Senhor e meu Deus!» (Jo 20,28).

Neste sopro novo de Primavera que a todos nos toma eis o apelo sempre renovado a não vivermos de acordo com as normas do mundo, mas antes a transformarmos adquirindo uma nova mentalidade, aquela que provem do Espírito do Ressuscitado.

Santo Tempo de Páscoa !

+ Jorge